

## POEMAS

Yvelise Coelho de Araújo

### A REVOLTA

Então, desfraldadas as bandeiras  
das últimas esperanças,  
então, rubro estandarte  
açoitando o vento,  
no deserto da grande cidade,  
no horrível deserto de cinzentos arranha-céus,  
cavaleiro-andante dos próprios sonhos  
desafiou o mundo.

Buzinas de carros, de ônibus, de caminhões  
Buzinas de carros, de ônibus, de caminhões  
Buzinas de carros, de ônibus, de caminhões  
foi a única resposta que teve  
enquanto desafiava o mundo  
empunhando uma rosa branca.

### DESERTO

Não detenhas os doloridos olhos  
na impassibilidade gelada das coisas.  
A paisagem é fria e árida,  
e sabias disto  
desde o ventre de tua mãe.  
Não importa que o sol brilhe,  
êle escorrega pelas paredes dos arranha-céus  
sem aquecê-las,  
e repara, repara,  
como tudo é irremediavelmente branco,  
ou será cinza?  
Não, não estendas as mãos  
ninguém quererá aquecê-las  
e parecerás um sonâmbulo

ou um louco.  
E quem sabe se não o és?  
Tua atitude deve ser a das estátuas,  
não esqueças que não tens coração  
e depressa, depressa  
cerra os doloridos olhos.

## O GRITO

Imenso e áspero é o grito da solidão  
dentro da noite  
que encerra tôda a tragédia  
das vidas sem nome.  
Por que, sonhos meus,  
por que voejar  
com asas de maripôsas pardas?  
Por que, sonhos meus,  
essa absurda palpitação,  
se o grito que é áspero e agudo  
que sobe, que cresce  
rumo aos mais altos edifícios  
que rasga a noite  
vai destruí-los um a um  
tonteá-los  
para que amanhã  
haja apenas  
asas despeteladas  
de maripôsas tristes  
nos caminhos da noite  
que é solidão e angústia,  
que é dor?